

Solitária, pero no mucho

Por Julia Guimarães¹

Na arte da palhaçaria, o erro e o fracasso, longe de serem encarados como um problema, aparecem como elementos indispensáveis ao jogo dos narizes vermelhos. É também essa premissa que surge valorizada em “Panqueca Solamente – um espetáculo dramático”, solo da atriz Adriana Marques apresentado no Festivale. Com direção de Márcio Douglas, a criação brinca de dessacralizar alguns clássicos da dramaturgia de William Shakespeare ao narrar as peripécias de uma palhaça que foi abandonada pelo seu antigo grupo de teatro, após ter sido trocada por uma atriz mais jovem.

Sozinha, sem casa e sem ter o que comer, Panqueca passa a ser virar com o único pertence que lhe sobrou: uma mala velha onde guarda os figurinos de notáveis personagens interpretadas por ela em seu passado no teatro. Rejeitada pelos antigos companheiros de cena, a palhaça encontra no público um parceiro que irá ajudá-la a reconstruir sua vida nos palcos.

Embora frequente em solos de palhaço, a participação do espectador aparece como um dos eixos centrais de “Panqueca Solamente”. Aqui, é a própria sequência de ações do espetáculo que de algum modo depende da colaboração do público para acontecer, o que intensifica o grau de imprevisto e imprevisibilidade de cada apresentação. Além disso, como existe ainda uma referência ao próprio universo teatral, é também a brincadeira com a representação e o drama que confere originalidade à proposta.

Em sua estrutura, a dramaturgia de “Panqueca Solamente” busca intercalar gags típicas da linguagem clownesca com a interpretação de cenas famosas das tragédias do bardo inglês. No primeiro grupo, estariam os momentos em que ações aparentemente simples – como calçar sapatos ou

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.

carregar peças de roupa – se transformam em desafio hilário para a desastrada palhaça Panqueca. Também aqui, é o erro que surge como chave-mestra para ação. Ou, ainda, como trampolim para a valorização da pureza e do ridículo, tão caros à figura do palhaço.

Já nas cenas “teatrais”, são os próprios espectadores que se tornam, eles mesmos, pivôs do efeito cômico. Para interpretar algumas das personagens imortalizadas na obra de Shakespeare – como Julieta, Cleópatra ou Lady Macbeth – Panqueca convida o público para representar outras figuras dramáticas igualmente populares, como Romeu, Julio César e Marco Antonio.

Nessas participações, é também o efeito de autenticidade produzido por aquilo que não sai exatamente conforme o esperado o que confere maior graça aos números. Na apresentação de domingo no Festivale, tais momentos surgiram tanto na escolha de um espectador-Romeu que não falava o português – e sim o espanhol – como também na participação de um espectador-Julio César tão envergonhado quanto carismático.

Embora alguns números do solo de Panqueca pareçam pedir mais tempo para que a ação se desenvolva até o seu limite – o que poderia ajudar a aperfeiçoar o *timing* da cena e a intensificar o efeito cômico – o espetáculo alcança a empatia do público justamente por fazer dele um personagem indispensável para ajudar a palhaça a superar suas adversidades. Nesse sentido, o enredo do solo pode ser lido ainda como uma metáfora interessante para se pensar no próprio teatro: uma arte que só acontece quando se aceita a premissa do “fazer junto”.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.